

## DESAFIOS DO REVISOR: O USO DE TECNOLOGIAS EM REVISÃO E TRADUÇÃO

Flávia Maurício da Rocha Fontes\*

### *Resumo*

Este artigo tem como objetivo discutir as práticas de revisão sob o âmbito tecnológico, ao apresentar as funções e as limitações de revisores automáticos e como elas influenciam o papel do revisor profissional. A partir de breve análise de textos presentes no cotidiano, como anúncios publicitários e poemas, incita-se uma discussão sobre as limitações de correções feitas pelos programas de computador. É proposta, ainda, uma reflexão sobre as competências necessárias ao revisor profissional para que se faça um trabalho que leve em consideração não apenas as intervenções linguístico-gramaticais, mas também parâmetros como adequação às normas de publicação, contexto de criação do texto, gênero e textualidade. O artigo reforça a ideia de que o texto deve ser entendido como um processo com propósito comunicativo, que utiliza estratégias discursivas para cumprir sua finalidade e adequar-se ao meio em que circula.

Palavras-chave: Revisão. Revisores automáticos. Papel do revisor profissional.

## THE CHALLENGES OF THE PROFESSIONAL PROOFREADER: THE USE OF TECHNOLOGIES IN PROOFREADING AND TRANSLATIONS

### *Abstract*

This article aims to discuss proofreading practices under the technical domain, presenting the functions and limitations of automatic proofreaders and debating how they influence the role of the professional proofreader. From a brief analysis of everyday texts, such as commercials and poems, a discussion about the limitations of corrections made by computer programs is made. Furthermore, the article proposes a reflection on the necessary skills for the professional proofreader, so he can perform a job that takes in consideration not only linguistic-grammatical interventions, but also the adequacy to publication standards, context of text creation, genre and textuality. The article refers to the idea that the text should be understood as a process with a communicative purpose, which uses strategies to fulfill its purpose and adapt to the environment in which it circulates.

Keywords: Proofread. Automatic proofreaders. Role of the professional proofreader.

Recebido em 15/04/2017

Aceito em 01/09/2017

\* Graduanda do Curso de Letras Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica da FAPEMIG. O presente artigo foi desenvolvido no âmbito da disciplina Práticas de Revisão de Textos, do Bacharelado em Letras, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ev'Angela B. R. de Barros (2º semestre de 2016).

## 1 Introdução

Muitas são as ferramentas tecnológicas disponíveis para o tratamento de produções textuais. Há, no mercado, inúmeros aplicativos e programas para tratamento computacional de documentos, como por exemplo, revisores de textos e tradutores automáticos.

Com o tempo, graças aos avanços tecnológicos na área da inteligência artificial, houve uma expansão dos sistemas inteligentes nos diferentes campos de interesse da linguística, particularmente da comunicação natural. As pesquisas visam ao desenvolvimento de programas que tentam compreender a linguagem humana, de modo a fazer com que o computador simule o conhecimento e o desempenho linguístico humano. Nesse contexto, o presente artigo visa discutir especificamente o uso de revisores computacionais e tradutores automáticos e sua relação com o trabalho do revisor. Embora esses programas de computador sejam úteis, há que se ter cautela no seu uso devido às suas limitações.

## 2 O papel do revisor textual

O profissional que trabalha com revisão de texto tem que ter conhecimento de um conjunto de saberes, uma vez deve dominar as estratégias linguístico-discursivas que vão além da adequação dos textos às normas linguísticas (ortográficas, gramaticais), ou de aspectos relativos à sua formatação e normalização (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015). Portanto, o revisor se ocupa não só com a correção ortográfica e gramatical, mas verifica a clareza das ideias expostas, a adequação do texto às normas editoriais, detectando ainda possíveis inconsistências e falhas de coesão e coerência textuais. É ele que irá adequar o texto ao tipo de veículo e de público leitor, respeitando o conteúdo e o estilo do autor.

Nesse sentido, a atividade do revisor reivindica a ativação de determinados conhecimentos e habilidades, tendo em vista diversos fatores, entre eles: a intersubjetividade da linguagem; as imagens de si e do outro construídas discursivamente; as capacidades cognitivas, como a percepção, a atenção e a memória; o dialogismo e a polifonia; as condições de produção e recepção dos textos; as injunções históricas e culturais; a intertextualidade; os processos de referenciação (co e contextuais); o gênero em questão; os domínios discursivos em que o texto se situa e os demais fatores que perpassam uma situação comunicativa considerada em toda a sua complexidade (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015).

Serafini (1989 apud D'Andrea e Ribeiro, 2010) propõe uma espécie de tipologia para diferenciar a correção (feita por um professor) e a revisão textual. A autora classifica as correções em quatro tipos: resolutiva, indicativa, classificatória e interativa. A correção resolutiva consiste na resolução dos problemas do texto pelo revisor. A indicativa ocorre quando o revisor apenas marca os problemas e a classificatória é feita a partir da metalinguagem para a identificação de problemas. A correção interativa, junto com a resolutiva, é a mais pertinente à revisão profissional, pois nela o revisor dialoga com o autor, dando sugestões e discutindo aspectos do texto. As revisões textuais podem ser classificadas de diversas maneiras, tanto a partir do tipo de interação que o revisor tem com o texto quanto a partir dos erros que devem ser corrigidos, como veremos a seguir.

Revisar distingue-se de corrigir textos porque nesta atividade há uma intenção pedagógica que não se espera naquela. De qualquer forma, é importante que tanto o corretor (leia-se professor) quanto o revisor tenha consciência dos efeitos de sentido criados e o contexto em que o texto que circula.

### 3 O uso de revisores automáticos

Segundo Kukich (1992), revisores textuais automáticos precisam solucionar problemas categorizados em três grupos: identificação de erros em palavras (*non word error detection*); correção de palavras isoladas (*isolated-word error correction*); e correção dependente de contexto (*context-dependent word correction*).

#### 3.1 Identificação de erros em palavras

A identificação de erros em palavras se refere à análise dos vocábulos que compõem o texto, comparando-os a um dicionário pré-existente, e a detecção daqueles que não fazem parte no glossário do programa (ALMEIDA; FERREIRA, 2004). Embora útil para localizar imprecisões, deve-se levar em consideração que nem todas as palavras de uma determinada língua estão contempladas nos dicionários dos programas de computador. Apesar de conterem um número razoável de termos, os dicionários em geral são limitados àqueles mais comumente utilizados. Portanto, sua maior utilidade é apontar as incorreções ortográficas ou de digitação, como inserções, deleções, substituições e transposições de letras, sem levar em consideração possíveis erros gramaticais. Em geral este tipo de detecção não é suficiente, sendo necessário que os erros não só sejam assinalados, mas que sejam sugeridas correções.

#### 3.2 Correção de palavras isoladas

Há programas de computador que permitem a intervenção do usuário na correção de palavras consideradas incorretas, como o LibreOffice, o BrOffice e o popular editor de textos Microsoft Word do Office. Em alguns, como Word, é possível não apenas obter a indicação do erro, como também habilitar a opção de autocorreção que determina automaticamente como o erro será retificado. As técnicas para esse tipo de correção são realizadas em três passos: detecção do erro, geração de correções possíveis e ordenação das correções (ALMEIDA; FERREIRA, 2004).

O principal aspecto nesse tipo de correção são as sugestões geradas para a revisão da obra em questão. As estruturas, nas linguagens naturais, não seguem formalismos rigorosos, característica que aumenta complexidade para a construção de analisadores automatizados baseados em formalismos de linguagens, por exemplo, concordância de gênero e número (SALTON *et al.*, 2013). Outro problema é que o contexto, via de regra, não é levado em consideração, e por vezes as correções são feitas com substituição de palavras que não raro fogem ao sentido original da escrita, como será discutido mais adiante.

O uso de instrumentos que pretendem automatizar a revisão pode ser útil como uma ferramenta complementar, mas não dispensa uma verificação manual do texto, que prevê problemas como correções sem nexos ou descontextualizadas (PRADO *et al.*, 2012). É importante garantir que a revisão de uma escrita traduza fielmente o sentido que o autor quis dar a seu texto, ao mesmo tempo em que preza sua qualidade. Esta é uma tarefa que somente o revisor textual tem competência para realizar.

### 3.3 Correção dependente de contexto

As categorias de correção descritas anteriormente não resolvem o problema de uma palavra grafada corretamente ser utilizada no lugar de outra, ou seja, não consideram a estrutura sintática em que a palavra foi empregada (ALMEIDA; FERREIRA, 2004).

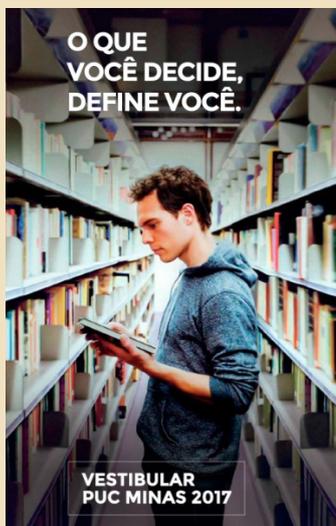
A compreensão do conteúdo de uma obra depende da interpretação de seu contexto, ou seja, das informações que acompanham o texto. Basicamente, há três qualidades que devem estar contempladas em um texto: unidade, coerência e coesão. Todas as partes de um texto devem estar interligadas e manifestar um direcionamento único de modo que conserve elementos constantes no seu desenvolvimento formando um todo, coerente em si mesmo, embora não isolado do resto do texto (PINHEIRO, 2003; MEXIAS-SIMON, 2008). Se há falta de coerência ou se as ideias são contraditórias também não se constituirá um texto, pois os elementos que o compõe na mente do interlocutor constituem uma configuração veiculadora de sentidos (KOCH, 2009). A manifestação linguística da coerência é a coesão, ou seja, se os elementos da frase que possibilitam a interligação de uma ideia com outra não estabelecem coesão, o fragmento não se configura texto.

### 4 Exemplos de limitações da revisão automática

O revisor deve sempre levar em conta o contexto e a intenção comunicativa do material que revisa, pois algo que a primeira vista não segue a norma culta da língua pode ter sido construído dessa forma propositalmente, para alcançar efeitos de sentido desejados pelo texto. Textos publicitários, canções e poemas comumente utilizam recursos nem sempre adequados à gramática normativa, com a intenção de atingir propósitos discursivos e criar significados a partir dos “erros” de sua mensagem.

A seguir, seguem alguns exemplos que não adotam as regras formais e seriam corrigidos pelo revisor automático, mas, apesar disso, alcançam seu objetivo comunicacional.

Figura 1 – Anúncio publicitário do vestibular PUC Minas 2017



Disponível em: <<http://portal.pucminas.br/vestibular/2017/interna.php?file=interior>>.

Na frase “O que você decide, define você”, anúncio do Vestibular PUC Minas 2017 (Figura 1), o sujeito da oração é “O que você decide” e seu predicado é “define você”. A peça publicitária apresenta um desvio à norma padrão, que prescreve que o sujeito não pode ser separado de seu predicado. Sendo assim, a vírgula não poderia separá-los. O efeito pretendido com essa quebra de regras é uma “pausa”, possivelmente para que o leitor reflita sobre a afirmação, ou mesmo criar um contexto mais informal, na tentativa de aproximação do texto à linguagem dos jovens, público alvo do anúncio de vestibular.

“Indivisíveis”

O meu primeiro amor sentávamos numa pedra  
Que havia num terreno baldio entre as nossas  
[casas.

Falávamos de coisas bobas,  
Isto é, que a gente achava bobas  
Como qualquer troca de confidências entre  
[crianças de cinco anos.

Crianças...  
Parecia que entre um e outro nem havia ainda  
[separação de sexos

A não ser o azul imenso dos olhos dela,  
Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,  
Nem no cachorro e no gato da casa,  
Que tinha apenas a mesma fidelidade sem  
[compromisso

E a mesma animal - ou celestial - inocência,  
Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul

[o céu:

Não, não importava as coisas bobas que

[disséssemos.

Éramos um desejo de estar perto, tão perto  
Que não havia ali apenas duas encantadas

[criaturas

Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,  
Enquanto a gente passava, caçoava, ria-se,

[não sabia

Que eles levariam procurando uma coisa assim

[por toda a sua vida...

(Mario Quintana, 2003, p. ?)

O verso inicial do poema “Indivisíveis”, de Mario Quintana, pode parecer problemático à primeira vista. O sujeito da oração, que é o termo “O meu primeiro amor”, se encontra na terceira pessoa do singular. O verbo, porém, está conjugado na primeira pessoa do plural. A partir dessa falta de concordância, Mario cria o efeito de união do eu-lírico com seu primeiro amor, transformando algo que deveria estar no singular em plural, para representar um amor que incluía os dois, reforçando a ideia do próprio título. O sentido criado é que o eu-lírico e a amada são tão unidos que não podem ser separados, ele se coloca junto com o sujeito para que se tornem apenas um. Além disso, a forma do poema deve ser respeitada, não podendo ser considerada um erro de formatação, já que também cumpre um propósito específico, que é dar as pausas no texto, os pedaços deslocados se comportam quase como um sussurro do eu-lírico.

“Vem pra caixa você também”

O slogan da Caixa Econômica Federal apresenta, além da forma coloquial “pra”, outro desvio à norma padrão da língua portuguesa, de concordância verbal. Esse erro poderia ser corrigido de duas maneiras: “Venha para a caixa você também” ou “Vem tu para a caixa também”. A primeira construção faria com que o verbo imperativo concordasse com o sujeito “você”, e a segunda modificaria o sujeito para “tu”, assim a forma verbal utilizada originalmente ainda estaria correta. O desvio foi feito para servir certo propósito discursivo, que é aproximar o enunciado à oralidade, fazendo com que o leitor sinta que o banco é mais acessível, cumprindo o propósito de aproximar o popular (cliente) e o institucional (banco).

“A seleção que Zidane”

O enunciado acima foi tirado de uma crônica esportiva após a derrota do Brasil na Copa do Mundo da França. O jogo de palavras do título não é de difícil interpretação para os falantes da língua. De acordo com Mari (2000),

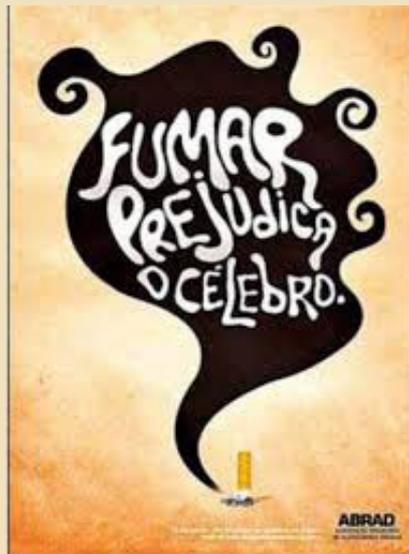
essa interpretação torna-se factível em razão do fato de os falantes serem capazes de fazer uma equivalência entre a forma significante que figura na frase e outra corrente na língua, isto é, Se1 [que Zidane] – Se2 [que se dane]. Qualquer processo de interação verbal - a escuta é um caso particular de interação - requer esse domínio de naturalidade do significante, pois sem ele a interlocução deixa de ser até mesmo uma possibilidade. (MARI, 2000, p. ?).

Segundo Gomide e Gomide Filho (2015),

os textos/discursos são essencialmente heterogêneos e polifônicos, constituídos tanto por relações que marcam a presença de outras vozes num mesmo discurso quanto pelas relações que todo enunciado estabelece com aqueles anteriormente produzidos. (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p.341).

Assim, o leitor é capaz de compreender o trocadilho do enunciado utilizando o princípio da intertextualidade e do dialogismo da linguagem, inferindo o novo significado por meio de elementos paratextuais de que se tem conhecimento.

Figura 2 – Peça de mídia impressa veiculada pela Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas (ABRAD)



Disponível em: <<http://www.comunicaquemuda.com.br/dia-de-combate-ao-fumo-prejuizo-ao-cerebro/>>.

O anúncio da ABRAD (Associação Brasileira de Alcoolismo e Drogas) utiliza o recurso da metalinguagem para fazer uma campanha contra o cigarro. A palavra “célebro” foi escrita com tal grafia propositalmente, para demonstrar, por meio da própria linguagem, o efeito do cigarro na mente do indivíduo. Assim, a propaganda demonstra na prática o impacto do consumo de cigarro por fumantes, além de chamar a atenção de um leitor atento com o erro ortográfico, ocorrência incomum em textos que representam instituições.

“Pense Em Mim”

(...) Pense em mim, chore por mim

Liga pra mim, não, não liga pra ele

Pra ele! Não chore por ele! (...)

(Leandro e Leonardo)

A composição musical “Pense Em Mim” (letra de Douglas Silva, José Silva e Mário Soares, gravada por Leandro e Leonardo) tenta se aproximar da coloquialidade ao conjugar o verbo “ligar” de forma inadequada. No exemplo acima, se o segundo verso estivesse de acordo com a gramática, viria assim: “Ligue para mim, não, não ligue para ele” (ou, se o tratasse por ‘tu’, seria “liga para mim” e “não ligue para ele”). Entretanto, essa construção quebraria o ritmo da música, além de torná-la formal demais para o seu propósito discursivo, que é aproximar o eu-lírico de seu interlocutor. A distância que a forma correta criaria não seria pertinente à mensagem que a canção quer passar, que é justamente a aproximação com a forma oral, para deixá-la mais popular e facilmente relacionável com quem a ouve.

“Shimbalaiê”

Shimbalaiê, quando vejo o sol beijando o mar

Shimbalaiê, toda vez que ele vai repousar (...)

(Maria Gadú)

Na canção-poema de autoria de Maria Gadú, “Shimbalaiê”, o próprio título representa um neologismo, ou seja, uma palavra que não existia antes e foi criada especialmente para encaixar-se ao contexto em que aparece. Sendo assim, ela não pode ser “corrigida”, mas deve ser interpretada como algo necessário para dar o ritmo e compor a musicalidade da canção.

Figura 3 – Ilustração humorística



Disponível em: <<http://images.laughaton.com/22880/Leaf-me-alone->>.

O caso acima (Figura 3) representa um dos desafios do tradutor, mas que também se entende ao revisor. A fala das personagens apresentadas na ilustração faz um jogo de palavras com o nome do próprio objeto que representam. “Donut” se aproxima da forma negativa “do not”, do inglês. Já “leaf”, tradução de folha, também faz uma aproximação sonora, dessa vez com o verbo “leave”, que seria a forma do verbo “deixar”, em português. Assim, a tradução literal da primeira fala seria algo como “Não fale comigo”, e a da segunda seria “Me deixe em

paz”. Se o tradutor entregasse esse resultado, porém, estaria ignorando o efeito de humor criado pela relação entre os desenhos e o enunciado, de forma que precisaria ser criativo para encaixar o significado com a forma como é apresentado, resultando igualmente em um trocadilho na língua de chegada.

Cabe também ao revisor perceber se os componentes do texto foram preservados, por isso é ideal que ele tenha conhecimento da língua de partida para detectar se o efeito do texto original foi mantido e conferir se realmente o sentido foi preservado. Nenhum tradutor e nenhum revisor automático seriam capazes de fazer esse trabalho, já que não possuem as habilidades de interpretação e cognição que os permitiriam fazer a ligação entre a tirinha e o humor.

l(a	so
le	(l
af	f
fa	o
ll	l)l
s)	(ha
one	c
l	ai)
iness	itude
(e.e. cummings apud MELO, 2006, p.121)	(Augusto de Campos apud MELO, 2006, p. 121)

No poema l (a, de e.e. cummings), é possível perceber que a estrutura importa tanto quanto as palavras. Tradutor e revisor devem se preocupar em manter a forma original do poema junto com seu significado. As divisões e quebras de linha incomuns tornariam impossível que recursos tecnológicos compreendessem as palavras que formam a poesia, e, como consequência, não poderiam realizar suas funções, pois não reconheceriam o poema como um texto que possui palavras reais ou sentido. Tanto a tradução quanto a revisão de uma estrutura como essa devem ser pensadas cuidadosamente, pois é um desafio muito grande conseguir manter, além do significado, o ritmo e a forma, mais os próximos possíveis da obra original.

Jabberwocky  
 'Twasbrillig, and the slithytoves  
 Did gyre and gimble in the wabe:  
 All mimsy were the borogoves,  
 And the momerathsoutgrabe.

“Beware the Jabberwock, my son!  
The jaws that bite, the claws that catch!  
Beware the Jubjub bird, and shun  
The frumious Bandersnatch!”

He took his vorpal sword in hand;  
Long time the manxome foe he sought—  
So rested he by the Tumtum tree  
And stood awhile in thought.

And, as in uffish thought he stood,  
The Jabberwock, with eyes of flame,  
Came whiffling through the tulgey wood,  
And burbled as it came!

One, two! One, two! And through and through  
The vorpal blade went snicker-snack!  
He left it dead, and with its head  
He went galumphing back.

“And hast thou slain the Jabberwock?  
Come to my arms, my beamish boy!  
O frabjous day! Callooh! Callay!”  
He chortled in his joy.

’Twasbrillig, and the slithytoves  
Did gyre and gimble in the wabe:  
All mimsy were the borogoves,  
And the momerathsoutgrabe.

(Lewis Carroll, 1993, p. )

Jaguadarte

Era briluz.  
As lesmolisas touvas roldavam e reviam nos gramilvos.  
Estavam mimsicais as pintalouvas,  
E os momirratos davam grilvos.

“Foge do Jaguadarte, o que não morre!  
Garra que agarra, bocarra que urra!  
Foge da ave Fefel, meu filho, e corre  
Do frumiosoBabassura!”

Ele arrancou sua espada vorpal  
e foi atras do inimigo do Homundo.  
Na árvore Tamtam ele afinal  
Parou, um dia, sonilundo.

E enquanto estava em sussustada sesta,  
Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,  
Sorrelfiflandoatraves da floresta,  
E borbulia um riso louco!

Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta  
Vai-vem, vem-vai, para tras, para diante!  
Cabeça fere, corta e, fera morta,  
Ei-lo que volta galunfante.

“Pois entao tu mataste o Jaguadarte!  
Vem aos meus braços, homenino meu!  
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!”  
Ele se ria jubileu.

Era briluz.  
As lesmolisastouvas roldavam e relviam nos gramilvos.  
Estavam mimsicais as pintalouvas,  
E os momirratos davam grilvos.

(Augusto de Campos)

Jaberuco

No luscofusco, texugolesmais  
Girogravavam pelas vagramas,  
Havia borogovasmimosicais

E os fofomuscos davam alframas

“Cuidado com o Jaberuc, meu filho!  
Presas te prendem, garras te agarram!  
Cuidado com o pássaro Jujubo, fuge  
Do Bandernetefrumioso!”

Ele sacou a espada vorpal:  
Longo tempo perseguiu o atingente -  
Então descansou na árvore Tumtum,  
E ali ficou um tempo só pensando.

Assustriste meditava quando  
O Jaberuc, olhos de flama,  
Veio pela mata resfoleguinchante  
E gorbulejava no caminho!

Um, dois! Um, dois! E assim depois  
A espada vorpal foi triscafincando!  
Deixou-o morto, e sem o corpo  
Trazendo a cabeça voltou galunfante

“Então mataste o Jaberuc?  
Dá cá um abraço, filho do meu brilhante!  
Ó, dia frabulhoso! Calloo! Callay!”  
Ele se riu e se rejubilou.

No luscofusco, texugolesmais  
Girogravavam pelas vagramas,  
Havia borogovasmimosicais  
E os fofomuscos davam alframas.

(Alexandre Barbosa de Souza)

O poema “*Jabberwocky*”, apresentado na versão original e traduzido, é repleto de neologismos, a começar pelo próprio título. Há muitas traduções para a obra, e duas foram colocadas de exemplo para demonstrar como é possível manter o sentido mesmo com palavras tão diferentes, criadas pelos tradutores para equivaler aos termos novos encontrados no poema de Lewis Carroll e comprovando que cada obra traduzida é reinterpretada e reescrita, pois cada versão que surge é nova em diferentes aspectos. Como a maioria das palavras que compõem os textos não são registradas em dicionários formais, o revisor tem um trabalho árduo, pois não pode “corrigir” palavras que não existem, mas deve assegurar que a tradução tenha coerência e que o ritmo do poema se mantenha, mesmo sem algo para se basear em sua tarefa. Esses trabalhos, tanto de tradução quanto de revisão, seriam impossíveis de serem realizados automaticamente, exatamente porque não há como programas de computador interagirem com palavras que não estão cadastradas em seus códigos, assim, iriam identificar erros ao longo de todo o texto, ou seja, esses sistemas digitais de processamento de documentos ainda não estão preparados para interpretação não linear de textos de referência.

#### 4.1 Discussão

A partir dos exemplos citados, é possível perceber que nem tudo o que é apontado como problema pelos revisores automáticos é realmente um erro. Quando um texto extrapola o uso da norma padrão da língua, esses programas não reconhecem a liberdade necessária para utilizar recursos discursivos que sirvam um propósito específico. Em certos gêneros textuais, é possível que não se siga rigidamente a um código, gramática ou modelo convencional de escrita e, mesmo assim, o texto esteja certo em alcançar seu objetivo comunicativo.

Embora muitos usuários de programas de computador não realizem em seguida uma revisão manual de sua produção textual, é ela que resulta em uma correção confiável. O revisor deve levar em conta aspectos como a intersubjetividade da linguagem, utilizando habilidades cognitivas como atenção, percepção e memória para identificar o propósito discursivo do texto e como ele se relaciona com o público-alvo. Nos textos acima, as condições de produção e recepção dos textos muito importam em seu processo de revisão, pois permitem que às vezes o texto fuja de algumas regras gramaticais para, como consequência, criar efeitos de sentido específicos para certa situação. A identificação do gênero também é importante, pois alguns são mais flexíveis em relação a seguir a gramática, por exemplo, os gêneros publicitários, poemacção e poema.

Há também outros aspectos que são necessários para a compreensão de certos enunciados, como as injunções históricas e culturais, a intertextualidade, as imagens (de si e do outro) construídas, a coesão e coerência. Esses e os demais fatores que perpassam uma situação comunicativa devem ser observados pelo revisor em sua tarefa. Enfim, é importante que o revisor perceba os domínios discursivos em que o texto se situa para que possa competentemente analisá-los e adequá-los ao seu objetivo.

Revisores e tradutores automáticos não conseguem processar o texto do mesmo modo que um revisor ou tradutor profissional, pois não têm as competências necessárias para

compreender fatores externos ao texto. Tampouco têm a capacidade de relacioná-lo a outros, já que esses programas não possuem habilidades cognitivas que os permitam ver o texto como um processo dialógico e, assim, perceber os fatores citados anteriormente. Salgado (2007) é pertinente ao afirmar que o trabalho do revisor “vai muito além da ideia de corrigir, padronizar e normalizar”, que são as funções dos sistemas automáticos e, sendo assim, não são suficientes para considerar que consigam fazer um trabalho de revisão completo.

Gomide e Gomide Filho (2015) reiteram que “não se pode desconsiderar o estilo do autor do texto a ser revisado, seu modo de posicionar-se discursivamente, suas intenções comunicativas, o jogo de vozes presente em seu texto, seus potenciais interlocutor/leitores, e, principalmente, o gênero em questão” (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 340). O revisor automático não possui a capacidade de analisar nenhum desses pontos, pois ainda não é possível captar a subjetividade do texto por meio de um *software*. Apenas o revisor profissional pode realizar tarefas como reformular ou excluir trechos e ajustar os jogos de palavras, com o objetivo de que se tornem adequados ao que preveem as práticas discursivas requisitadas em cada situação específica.

Apesar das deficiências dos revisores automáticos, isso não significa que eles não são úteis, mesmo para o próprio revisor profissional. Esse tipo de programa auxilia e agiliza o processo de revisão como um todo, e é admirável que a tecnologia tenha chegado ao ponto de que possamos utilizá-la com esse propósito.

## 5 Conclusão

Como uma ferramenta de revisão preliminar, os recursos computacionais têm sua utilidade, mas podem ocasionar erros de grafia ou desvirtuar o sentido pretendido no texto. Mesmo assim, seu uso é bem vindo ao auxílio na revisão, já que a tendência é de sempre continuarem a se desenvolver e aperfeiçoar para ajudar cada vez mais nessa função. Um bom exemplo do fenômeno de evolução desse tipo de ferramenta ocorreu com o revisor oferecido pelo pacote Office (Microsoft). Inicialmente, era disponibilizada apenas a correção ortográfica das palavras fora de seu contexto. Em suas últimas versões, foi incorporado também um corretor gramatical, que permite que erros de concordância e de pontuação sejam apontados. Há também o recurso de selecionar dicionários específicos que servirão de referência para o corretor, havendo possibilidade ainda de incluir dicionários de vários idiomas. O revisor pode, então, utilizar recursos de correção livremente para cumprir seu trabalho, mas não pode depender deles, pois é preciso lembrar que eles não processam completamente as complexidades e particularidades da produção textual, sendo tarefa do revisor adequar o texto para que tenha eficácia comunicativa como um todo.

## Referências

- ALMEIDA, Hélio Marcos Paz; FERREIRA, Kecia Aline Marques. **Correção Automática de Palavras em Textos**. 2004. Disponível em: <<http://homepages.dcc.ufmg.br/~nivio/cursos/pa04/seminarios/seminario11/seminario11.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- CAMPOS, Augusto de. **Jaguadarte**. São Paulo: Editora Nhambiquara. 2014.
- CAMPOS, Augusto de. So. In: MELO, Ronilson Ferreira de. **A gesticulação semiótica de e.e. cummings na tradução de Augusto de Campos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2006. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/ronilsonferreirademelo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- CARROLL, Lewis. Jabberwocky. In: CARROLL, Lewis. **Through the looking glass, and what Alice found there**. New York: Books of Wonder. 1993.
- CUMMINGS, e.e. La. In: MELO, Ronilson Ferreira de. **A gesticulação semiótica de e.e. cummings na tradução de Augusto de Campos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2006, Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/ronilsonferreirademelo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- D'ANDREA, Carlos Frederico de Brito; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas**, v.14, n.1, p. 64-74, 2010.
- GADU, Maria. **Shimbalaiê**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/mariagadu/1481412/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.
- GOMIDE, Renata Marques; GOMIDE FILHO, Sérgio Roberto. Considerações sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 337-355, 1º sem. 2015.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009, 124 p.
- KUKICH, Karen. Techniques for Automatically Correcting Words in Text. **ACM Computing Surveys**, v. 24, n. 4, Dec. 1992.
- LEANDRO E LEONARDO. **Pense em mim**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/leandro-e-leonardo/22625/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.
- MARI, Hugo. Estruturalismo e psicanálise. In: Teixeira, Antônio; Massara, Guilherme. (Org.). **Dez encontros de psicanálise e filosofia**. Belo Horizonte: Ópera Prima, 2000, v. 1, p. 83-94. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQUI20130103175132.pdf?PHPSESSID=da9adc939dbe393f044fafb9e97d0247](http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20130103175132.pdf?PHPSESSID=da9adc939dbe393f044fafb9e97d0247)>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia. A construção do texto: coesão e coerência textuais. **Revista Philologus**, v. 40, p. 23-31, 2008.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. O tipo de unidade textual considerada na análise da conexão. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. XXXII, p. 01-06, 2003.

PRADO, Adelaide *et al.* Descorrecção Eletrônica Automática. **Congresso Nacional Universidade**, Ensino à Distância e Software Livre – UEADSL, 2012. Disponível em: <<http://ueadsl.textolivre.pro.br/2013.1/papers/upload/144.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

QUINTANA, Mario. **Nova Antologia Poética**. São Paulo: Editora Globo. 9. ed. 2003.

SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos no mercado editorial**: autoria e práticas de textualização. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007.

SALTON, Giancarlo Dondoni, *et al.* Regras sintáticas livres de contexto na correção automática de Unidades de Leitura. **NuevasIdeasen Informática Educativa**, Memorias do XVIII. **Congreso Internacional de Informática Educativa**. TISE 2013, Porto Alegre, Brasil, v. 9, p. 217-222, 2013.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

SOUZA, Alexandre Barbosa de. Jaberuco. In: CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. Rio de Janeiro: Cosac Naify. 2015.